

# IMAGENS DA NARRATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE DOCUMENTÁRIO E LITERATURA

## IMAGES OF THE NARRATIVE: DOCUMENTARY AND LITERATURE CONSIDERATIONS

Cesar Augusto Neves Souza **1**  
Rodrigo Poreli Moura Bueno **2**

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de analisar os principais aspectos do chamado documentário e compará-lo com a narrativa literária. Para tanto, abordaremos os conceitos que distinguem o documentário de outros gêneros fílmicos. Faremos um estudo sobre a narrativa como forma de mimeses, e como a narrativa literária compartilha pontos em comum com os gêneros fílmicos, ou seja, a relação entre narrativa e imagem. Utilizaremos o método da pesquisa bibliográfica voltada para o campo teórico. E por fim, consideraremos o documentário como instrumento teórico de caráter ambivalente.

**Palavras-chave:** Filme. Narrativa. Literatura.

**Abstract:** This work has the objective of analyzing the main aspects of the so-called documentary and comparing it with the literary narrative. Therefore, we will approach the concepts that distinguish the documentary from other film genres. We will make a study of the narrative as a form of mimesis, and how the literary narrative shares points in common with the film genres, that is, the relation between narrative and image. We will use the method of bibliographic research focused on the theoretical field. And finally, we will consider the documentary as a theoretical instrument of ambivalent character.

**Keywords:** Film. Narrative. Literature.

---

Mestrado em Letras. Linha de pesquisa: Estudos Literários. (2018 - **1**  
em andamento). Pós-graduação em Ensino de História pelo Instituto FAVENI  
(2017). Possui graduação em História pela Fundação Universidade Federal  
do Tocantins (2015). E graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do  
Tocantins (2009). E-mail: cesarneveshst@gmail.com

---

Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual de Londrina **2**  
(2003), graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (2007),  
mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho (2010) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa  
Catarina (2015). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do  
Tocantins (UFT- Câmpus Porto Nacional). E-mail: rodrigoporeli@hotmail.com

## Introdução

A imagem é um importante instrumento de representação. Como também uma ferramenta importante para criar imaginários e contar histórias. Todavia, no que se refere à vida cotidiana a imagem é apenas um ícone de passatempo ou de ilustração. Buscamos neste texto levantar algumas problematizações que envolvem os vários conceitos de documentário e suas diferenças com outros gêneros fílmicos, como também compreender a imagem como um componente equivalente ao texto escrito. Tanto a imagem do cinema como a literatura utilizam-se da arte de narrar para contar histórias. O termo 'imagem' exige um enorme leque de significações, no entanto, vamos nos ater à imagem em movimento, no caso aqui, o documentário.

Ao analisar alguns conceitos, verificamos que encontrar uma definição para documentário não seria das tarefas mais fáceis. O próprio termo é mergulhado em um mar de polissemias pois ora é um tipo de gênero fílmico, e em outro momento possui um corpo conceitual próprio que o distancia, por exemplo, do chamado cinema de ficção.

Depois dessa breve análise, nos concentramos sobre os aspectos da narrativa, e suas semelhanças com a narrativa literária. O documentário é caracterizado muitas vezes pela presença de uma "voz over" por tomadas de imagens que diferencia de um filme convencional, e por outros elementos como imagens de arquivos e entrevistas. Entretanto, tais características não são marco fronteiros que estabelecem uma diferença com outros gêneros. Há uma similitude entre a narrativa fílmica, a do documentário e a narrativa literária. Todavia, tanto o filme quanto o documentário são formas de narrar histórias.

Por último, apresentamos algumas considerações sobre o tema estudado. Tendo em vista a árdua tarefa de emitir conclusões. As considerações finais apresentadas resultam dessa breve reflexão que elaboramos ao longo deste artigo. Em virtude do pouco espaço aqui disponibilizado para a discussão, não adentramos de modo específico a cada tema aqui abordado. Porém esperamos, mesmo de forma breve, contribuir para essa relação entre narrativa e imagem.

## Reflexão sobre o conceito de documentário

A escolha do documentário como objeto de estudo desse trabalho nos coloca em um grande desafio que é a tarefa de conceituar. Na maioria dos casos o objeto de estudo é muito dinâmico que torna impossível enquadrá-lo em alguma definição. Definir é também limitar, e uma forma de conceber a realidade dentro daquilo que almejamos dominar. Portanto, pretendemos com esse trabalho discutir alguns conceitos do que é um documentário. E logo após focalizar nos estudos sobre a narrativa, lugar comum entre literatura e os diversos gêneros fílmicos.

Um dos grandes desafios da teoria cinematográfica é delimitar o conceito de documentário. Há um longo debate se este gênero se encaixa dentro do campo ficcional ou não ficcional. Diante de tantas narrativas do cinema como *western*, musical e tantos outros, procura-se saber qual o local de definição do documentário. Como qualidade imagética busca-se assimilá-lo ao gênero fílmico. Compete, portanto, detalhar os parâmetros que separam o documentário, da noção de filme e além disso, analisar quais as suas principais características peculiares.

De acordo com Cristina Teixeira Viera de Melo o que se destaca em um documentário é a sua definição como construção singular da realidade. Simultaneamente com os elementos linguísticos discursivos e a criatividade no processo de edição. (MELO, 2002) Para Mikhael Bakhtin o documentário é um gênero com características particulares e que a língua em todas as suas esferas produz vários tipos de enunciados. (BAKHTIN *apud* MELO). Os mesmos recursos linguísticos estão presentes na arte literária, que produz enunciados. Assim como o documentário, a literatura também pode representar fragmentos da realidade. Porém, os pontos de encontro vão além. A literatura é também imagens, posto que, ela parte de representações. E de acordo com Ivan Teixeira, a realidade principal da literatura é o ato de construir imagens. (TEIXEIRA, 2003).

Segundo Ivan Teixeira a designação 'ário' significa conjunto de alguma coisa. E no caso do termo 'imaginário' é a competência de produzir imagens por meio de outras já existentes. Ou mesmo um conjunto de imagens que são compartilhadas por uma sociedade. É onde está localizada a literatura, cujo, seu tecido é tramado numa esfera de imagens que coincidem de certa

forma com o mito e a utopia. Portanto, pode-se pensar que a literatura e o conceito de imaginário são complementares e indissociáveis. E Teixeira afirma: “O imaginário é uma linguagem intransitiva que produz o objeto destinado à contemplação estética” (TEIXEIRA, 2003, p. 4).

É natural que um documentário busque despertar no público um sentimento de que aquilo que foi representado seja verdadeiro. Posto que, a sensação de real é ainda mais forte do que no gênero fílmico. Todavia, é preciso discorrer sobre algumas ideias pertinentes com relação ao documentário, o qual, é uma representação de uma realidade, bem como de suas ideologias e tradições. No entanto, conforme alguns autores, dentre eles citamos Fernão Pessoa Ramos<sup>1</sup>, que afirma ser impossível definir um campo específico pelo qual possamos localizar o significado de documentário. Como também, é difícil estabelecer fronteiras que separam o documentário de outros gêneros audiovisuais.

Fernão Pessoa Ramos renomado estudioso sobre o assunto aponta que durante muito tempo o documentário era remetido à forma clássica de um estilo de filme, com cenas em movimentos e uma voz ‘fora de campo’. Entretanto, a partir dos anos de 1990 outros modelos que abordavam imagens manipuladas e depoimentos passaram a ser caracterizadas como documentário. Então, Ramos apresenta sua definição de documentário:

Em sua forma de estabelecer asserções sobre o mundo, o documentário caracteriza-se pela presença de procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção de seu autor de fazer um documentário (intenção social, manifesta na indexação da obra, conforme percebida pelo espectador). Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz over), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um star system estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos como câmera na mão, tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do documentário, embora não exclusivamente. (RAMOS, 2008, p. 22). Ou ainda:

[...] podemos afirmar que o *documentário* é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das *imagens-câmera* e, principalmente, a *dimensão da tomada* através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS *apud* DIAS, 2009, p. 2).

A intenção do autor acrescentada à recepção do público são componentes fundamentais para a definição de documentário. Adicionadas a isso, temos elementos como: a locução, a

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de Cinema do Instituto de Artes da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e pesquisador CNPQ.

presença de entrevistas, imagens raras de arquivos, ausência de atores profissionais e outras características que contribuem para a diferenciação do documentário e o gênero fílmico. Além do mais, o documentário tem a presunção de verdade, diferente do caráter fictício característico do gênero fílmico. Pois então, a ficção tem por objetivo entreter, já o documentário parte de uma tentativa de asserção, seja indicativa ou interpretativa diante da realidade.

No entanto, muitos dos elementos do campo não ficcional possam ser encontrados no campo ficcional. Todavia, essa separação é polêmica, posto que, há muitos elementos que são comuns tanto à ficção quanto a um documentário, no qual presume-se não ficção. Aqui, outro fator que é preciso discutir, é que um documentário também pode ser uma ficção, pois nem sempre este gênero pretende ter a “*verdade dos fatos*”<sup>2</sup> como principal objetivo.

Pelo conceito de Ramos o que distingue o documentário de outras especificações do gênero fílmico, é a intenção do autor acompanhados de procedimentos formais próprios. A recepção pelo público também o caracteriza como documentário. E com relação às etapas que um documentário segue, estão: enquadramento, iluminação, montagem, pré-produção, pós-produção, registro in lócus<sup>3</sup>, direção de atores, uso de cenários naturais, imagens de arquivos dentre outros. Importante ressaltar que estas características não são as bases fronteiriças entre o documentário e outros gêneros, posto que, um filme ficcional pode apresentar também estas estratégias.

Ora, cenas de ficção não descaracterizam o documentário, pois até mesmo o que se julga ser real, quando analisado à luz da teoria especializada, é também um modo de ficção. A imagem de um fato não é o fato em si. Ele é abordado por um olhar intencional e moldurado pela câmera. Criando desse modo, um distanciamento com o real. Por isso, pode-se afirmar que nem sempre o documentário preza pela verdade, ele pode também criar enredos ficcionais. Portanto, a simples definição de ‘gênero não ficcional’ não dá conta de definir o cinema documentário. Enfim, o documentário é mais marcado pela intenção singular do que pela objetividade e realidade<sup>4</sup>.

Observamos a título de exemplo um jogo de futebol. Primeiro, temos a realidade do próprio jogadores dentro de campo, que já é uma situação confusa, pois cada jogador terá uma leitura diferente do jogo. Depois, temos a realidade observada e sentida pela torcida, que por sua vez se divide entre os torcedores contra e a favor do time. E por último, temos a realidade do espectador sentado no sofá de casa assistindo pela TV o jogo narrado com todos os recursos da câmera, como luz, comentários, câmera lenta, replay e outros tantos recursos. Agora, nos perguntamos, entre os jogadores no campo e a transmissão da TV, o que é real e fictício? Quantas emoções e sensações são geradas e perdidas neste intercurso? De igual maneira, qualquer outro tipo de representação, seja um documentário, um filme ou um texto literário.

O documentário é uma forma de narrativa podendo ou não conter elementos ficcionais. A verdade dos fatos é um alvo difícil de ser retratado em sua plenitude. Então, o que é representado pelas imagens são frações, recortes e escolhas arbitrárias por parte do diretor. E além do mais, muitas falas e situações não são ensaiadas.<sup>5</sup> Ao contrário do filme em que todos as cenas são previamente previstas em um roteiro. Portanto, representar um acontecimento não significa que seja a realidade. O documentário busca informar o mundo por meio de um olhar, diferentemente do cineasta que visa o entretenimento.

Então, não basta dizer que o documentário é o filme do real, pois o filme de ficção pode até ser mais real que um documentário. Podemos imaginar um documentário todo mentiroso; ao menos não é isso que faria com que o documentário se torne um filme. Conhecemos filmes

---

<sup>2</sup> A pretensão de “abordar a verdade” é um terreno movediço em qualquer área do conhecimento. Há uma série de elementos a serem considerados: Como as linhas interpretativas, a construção do pesquisador, as teorias abordadas e uma série de ângulos que desafia o pesquisador a ‘ver’ o objeto de estudo e construí-lo por meio da narrativa. E ainda contar com a contribuição do leitor que consome o resultado final.

<sup>3</sup> Quanto ao registro in lócus pode ser: In lócus contemporâneo (registro do fato durante o acontecimento) In lócus de reconstrução (quando não é necessário que o documentarista esteja no momento. O seu trabalho é respaldado a partir de imagens já feitas)

<sup>4</sup> Quanto as especificidades técnicas o documentário classifica-se em: televisivo, cinematográfico e digital.

<sup>5</sup> Mas existem documentários que fogem a essa regra. Os documentários da *History Channel* não são feitos de modo imprevisíveis. Pelo contrário, são resultados de um trabalho muito bem elaborado e editado.

de ficção “bem realistas”. Ou seja, nem a ‘verdade’ ou a ficção são critérios diferenciais de um documentário para um filme. (CASTRO, 2005)

A característica fundamental de um documentário deve ser um discurso pessoal sobre eventos que prioriza exigências mínimas de verossimilhança com a realidade. Portanto, o documentário é uma tarefa de cunho autoral buscando a subjetividade baseada no ponto de vista do autor. A título de comparação podemos pensar na produção jornalística, que em certos aspectos assemelham-se ao documentário. Todavia, esse gênero é pautado pela objetividade.

O que aproxima o documentário da prática jornalística é que ambos são norteados pela experiência coletiva. O público por sua vez espera interpretações lógicas de ambos, o que não ocorre com o filme, no qual o objetivo, na maioria das vezes, é o entretenimento. A prática jornalística quando não obedecida os requisitos de “neutralidade” cai no descrédito popular, embora a “neutralidade” seja outro tema cheio de problemas e questionamentos. Já no documentário a parcialidade é um elemento presente. O documentarista não precisa camuflar a narrativa de um fato.

## Reflexões sobre a narrativa

Narrar é uma atividade inerente à vida humana, todas as pessoas produzem discursos narrativos, contam histórias, escrevem cartas, registros, poemas e texto em geral. A narrativa não se consolida apenas no plano literário, entretanto, se estende a outras formas de expressão, inclusive ao cinema. As narrativas literárias são textos de ficção sem o compromisso de representar a realidade. Contudo, tais narrativas criam uma realidade dentro de um enredo, ativando o imaginário. Toda narrativa ficcional é composta de enunciados que contem fatos e conteúdos descritos. Embora, uma narrativa ficcional mesmo que se remeta propositalmente ao ‘real’ é ainda uma forma de ficção, por ter elementos naturais a histórias ficcionais, como: narrador, função poética e tratamento estético do texto.

Em uma narrativa existem dois planos fundamentais, o plano histórico que é o que se conta e o plano do discurso que é como se conta. A história enquanto narrativa de eventos ficcionais é o conjunto de acontecimentos narrados, sequência de ações, relações entre personagens dentro de um contexto espaço-temporal. No entanto, o tempo do discurso é o modo de como o tempo da história é elaborado, remete-se a uma dimensão linguística da linguagem. É o uso dos tempos verbais e da linguagem a fim de alcançar certos objetivos dramáticos e descritivos. O tempo do discurso elabora-se em termos formais, gramaticais e estilísticos. Já o tempo da narrativa é um tempo matemático, podendo ser cronológico ou cíclico<sup>6</sup>.

O homem sempre se deslumbrou diante dos mistérios da vida. As incertezas e desafios infligidos pela realidade fez com o que o homem ultrapassasse seus próprios limites naturais. Diante da concretude dos acontecimentos o homem busca na imaginação e na construção de mitos, meios alternativos para compreender os mistérios do mundo. A ficção é uma necessidade humana, e desde a mais tenra idade o ser humano manifesta algumas pulsações de ficção. Assim como no comportamento de escutar fábulas e histórias infantis, quando a criança entra no reino do ‘faz de conta’. E ainda na infância essa necessidade se manifesta e se projeta ao longo da vida adulta, a partir do momento que passamos a consumir novelas, contos e filmes.

O filósofo Paul Ricoeur afirmava que o relato histórico e o ficcional são separados pela ambição à verdade. A verdade é uma noção filosófica e moral que é adquirida a posteriori dos primórdios da vida humana. Porém, antes da necessidade de buscar a verdade, já estão presentes nos primeiros anos de uma pessoa o desejo de ficção. Ricoeur diz que a separação entre a história e a ficção são questionáveis por que ambas se preocupam com a narração de um acontecimento. (RICOEUR, 1994, p.14-15).

Em seu livro, “Tempo e Narrativa” Tomo 1, diz: “O mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal”. (RICOEUR, 1994, p.15). Ou seja, o tempo, torna-se o tempo humano à medida que este passa a ser organizado dentro de uma narrativa. Portanto, narrar é uma forma de

<sup>6</sup> Não abordaremos todas as variações possíveis da narrativa, como tipos de personagens, de enredo, de espaço e de tempo, assim como os demais conceitos presentes em uma narrativa.

reativar a memória, pois quando narramos fatos passados, extraímos as informações da memória e não das coisas. Ademais, narrar é uma forma de captar o tempo e de mimeses. A própria natureza do ato de narrar é um modo que temos de imitar e se apropriar do mundo das coisas.

É uma maneira de ordenar o mundo ao seu redor.

Observe que no mito bíblico o apóstolo João declara: “No princípio era o verbo (*logos*) e o verbo (*logos*) estava com Deus”. (JO,1;1) E no livro de Gênesis começa com a seguinte narração: “ No princípio Criou Deus os céus e a terra. A terra era sem forma e vazia (...) E Deus *disse*: haja Luz... ” (Gn,1;1) É pela linguagem que Deus começa sua criação. É pela narração que o homem compreende o tempo e ordena o caos estabelecendo a ordem cósmica.

Alguns historiadores também preocuparam com o estudo da narrativa. Além do próprio Ricoeur que já questionava que tanto a história como a ficção são questionáveis, posto que, ambas se preocupam com a narração do acontecimento. O historiador Fernand Braudel escreve que uma história factual dos acontecimentos só pode ser uma história narrativa. Nesta mesma linha temos Paul Veyne que registra que história é narrativa dos fatos verídicos.<sup>7</sup> Os fatos históricos, portanto, passam a ter uma existência linguística. (VEYNE,1982)

Já o tempo em si é um termo polissêmico, pois há diversas variantes de significados e aplicações ao tempo humano que não se reduz apenas ao tempo cronológico. O tempo é o material concreto de toda narrativa. E neste tempo estão envolvidos todos os acontecimentos. Ricoeur descreve sobre a indivisibilidade do tempo entre passado e presente, e que esta separação é fruto da linguagem humana.

No entanto, o que nós compreendemos como passado, resta-nos entender que não é um ‘tempo’ imóvel e estanque. Embora, acontecimentos não retornam ao presente para serem refeitos, a linguagem pela narração dos fatos se refaz e adquire novos significados. Por conseguinte, a ação de narrar é uma forma do homem se apropriar e ordenar os acontecimentos, oferecendo ao passado novos sentidos. Diferentemente desse conceito de narrativa tanto presente do documentário, como na historiografia, a narrativa literária opera em outra dimensão. Ela não depende do compromisso daquilo que aconteceu, e sim, com a liberdade de recriar um mundo que poderia ser possível.

E nessas construções de narrações, o cinema se apresenta como um veículo sofisticado na produção de narrativas. Para alguns teóricos o cineasta é um novo historiador. A diferença é que o filme utiliza outros recursos além da palavra para contar história. Um filme não é apenas um meio de expressão, é um forte transmissor de sentidos. Possui a capacidade de reconstruir uma determinada realidade de modo inteiramente original.

A principal característica da linguagem fílmica é a alusão à realidade. O filme, portanto, detém um modo de linguagem persuasiva, ao ponto que o receptor tem a exata impressão de que aquilo que é retratado na tela realmente aconteceu. Então, podemos refletir o filme não apenas como uma reconstrução de uma parcela da realidade, mas como recriadora de muitos sentidos e significados. O filme promove imaginários sobre a realidade que pretende representar. Nesse sentido, tanto o cinema quanto a literatura compartilham deste intento. Posto que, as duas compartilham um ‘lugar comum’ que é a narrativa. E toda narrativa cria imaginários.

Diversamente da narrativa histórica e de muitos documentários, a narrativa literária apresenta-se como traço característico no universo da fantasia e do mito. A literatura se compreende como espaço de ficção. Dessa forma, se assemelha pela narrativa, ao filme de ficção. Além do mais, a narrativa literária não tem o compromisso de abordar a realidade. C.S Lewis aponta para leitores ávidos em encontrar na obra algum sinal de engajamento social e semelhanças com a realidade, como leitores ingênuos que não compreenderam a complexidade da fantasia e do mito que emana de uma obra literária. (LEWIS, 2009).

Todavia, essa não é a pretensão da literatura. Embora, ela possa tecer seus fios utilizando as referências sociais, esse não é o cerne da obra literária. Por mais que o ‘real’ possa estar presente na literatura, ele está mergulhado na atmosfera da ficção, sendo impossível ser captado de outra forma que não seja pela linguagem. A narrativa literária se enquadra dentro da narrativa ficcional, já a narrativa factual é uma narrativa historiográfica.

<sup>7</sup> Este parágrafo é embasado no artigo: O problema da narrativa na historiografia dos antigos desencontros às recentes convergências. De autoria de Marcos Vinícius de Moura Telles. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308193045\\_ARQUIVO\\_MarcusTelles-ANPUH2.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308193045_ARQUIVO_MarcusTelles-ANPUH2.pdf)

No entanto, o documentário pode lançar mão tanto da narrativa ficcional quanto da factual. Em linhas gerais, a narrativa ficcional é mais comum na literatura e no filme, e a factual na historiografia e no documentário. Mas, não é determinante, posto que, muitos filmes possuem uma narrativa factual, assim como a literatura pode lidar com fatos históricos. O olhar da literatura é baseado no real e no imaginário, e em seguida escolhe qualquer tempo e espaço para narrar aquilo que se pretende viver. Todavia, a narrativa factual gira em torno de um fato concreto com uma dimensão na realidade.

A narrativa como forma de mimeses é uma tendência natural do ser humano. Esta predisposição é tão natural que embora tentamos abordar acontecimentos sem o recurso da narrativa, ela vai escapular espontaneamente como um fluxo mimético. A tal ponto, que não conseguimos discernir se o real que vemos, seja ou não fruto de narrativas construídas. E como a narrativa é uma forma de mimeses é impossível que haja uma narrativa tão eficiente que aborde o real em toda sua plenitude.

E levando em consideração que a realidade é impossível de ser obtida pelos artifícios da linguagem, não seria a narrativa um meio de alcançar esse real que seria impossível de outro modo? É uma pergunta simplesmente retórica. O enunciador pela narrativa constrói outro mundo, e neste mundo tudo que é dito é verdade. O mérito do autor reside em fazer com que sua história envolva o leitor de tal maneira que desperte neste uma onda de emoção e prazer pela leitura.

Agora, quando esta narrativa está presente em um documentário ela passa a ter um compromisso diferente. Pois o documentário tem a pretensão de ‘explorar’ a realidade, assim como o discurso histórico. No entanto, tanto a historiografia quanto o documentário fazem uso da narrativa para transmitir alguma mensagem. Mas o documentário possui alguns elementos a mais, além da imagem como já é conhecido, tem-se a ‘voz over’.

Essa voz é uma poderosa ferramenta persuasiva, tanto no ato de elaborar personagens, abordar fatos e convencer o espectador. A voz do documentário representa a voz do cineasta que pretende formar uma representação e convencer o espectador. Portanto, trata-se do esforço de convencer e persuadir o espectador sobre uma asserção que o diretor pretende espalhar sobre o mundo real. Esse é o ponto fundamental do documentário, que pode levar o público ao convencimento, entretanto, podendo servir também como entretenimento.

A imagem desempenha uma força muito atuante do imaginário das pessoas. Os nossos pensamentos são imagens que formamos em nosso cérebro. Entretanto, uma imagem pode criar e produzir uma verdade correspondente gerando uma verossimilhança com a realidade dos fatos. Como somos finitos e não podemos ultrapassar as fronteiras temporais, e também incapazes de sentirmos o peso da realidade como ela é, buscamos o mundo extraordinário da ficção para projetar um mundo possível, ou mesmo atender nossa necessidade de imaginação. A narrativa é uma forma de discurso, pela qual, pretendemos imitar parcela da realidade, ou criar um mundo de fantasias e combina-las dentro de um espaço e tempo.

A narrativa histórica procura retratar mais a realidade concreta, já a narrativa ficcional pretende abordar mais real imaginado. Mesmo que um escritor coloque em sua narrativa toda objetividade possível, ainda não seria suficiente para abordar o real em todas as suas dimensões. E ao refletir sobre a natureza do discurso histórico, entende-se que as fronteiras que as separam da narrativa literária são muito tênues. A narrativa histórica possui mais semelhanças com a narrativa literária do que com a “história enquanto ciência”.

Nesse ponto, o historiador também pode ser considerado um ficcionalista. Ao passo que seu objeto estando inserido dentro de uma realidade concreta, ele parte desses fatos a fim de criar uma nova história. Esta narração sobre o real feita pelo profissional de história compartilha muitas semelhanças com a narrativa ficcional. Ambas oferecem uma imagem verbal sobre a realidade. Existem poucas diferenças entre a narrativa histórica e narrativa literária.

Segundo Hayden White, a história não é menos uma forma de ficção do que um romance é um modo de representação. White vai entender a narrativa história com semelhanças ao discurso literário. (WHITE, 1991). Narrar é uma forma de ordenar o passado. A diferenças entre estes tipos de narrativas possa residir no sentido em que, a narrativa histórica parta de uma imaginação constitutiva e a narrativa literária seja uma imaginação criativa. Essas semelhanças e diferenças também se estendem a narrativa tanto fílmica quanto a do documentário.

O objetivo da narrativa histórica comum a muitos documentários é oferecer sentido a problemas existenciais do presente. Não é pelo fato em si como propôs a historiografia desde o século XIX. As sociedades consideradas ágrafas como as indígenas, por exemplo, contam as glórias de seu passado por meio do mito, das lendas e folclores. Na verdade, tais histórias são contadas muito mais para oferecer uma orientação as novas gerações, do que constatar se aqueles fatos foram ou não verdadeiros.

Por isso, deve ter havido uma época no passado que não se separava o fato real do 'fato' imaginário. E ainda passeando sobre os encontros e desencontros das várias narrativas, podemos ressaltar ainda que a história é o discurso do real, enquanto a ficção é o discurso do desejo, e o objetivo final do discurso histórico é transformar o discurso real em objeto de desejo. O cinema, tanto o filme como o documentário partem do mesmo princípio, de transformar suas narrativas em objeto de desejo, sejam elas reais ou fictícias.

Geralmente a narrativa é movida por um padrão moral que registra os fatos e os coloca numa narrativa. A sequência dos acontecimentos que ordenamos numa narrativa parte de um pressuposto moral, no qual, manifesta a vontade humana de estabelecer uma linha lógica aos acontecimentos. Tendo em vista, que na realidade cotidiana nem sempre os fatos acontecem de modo ordenados, e muitos menos saltam perante nossos olhos de forma lógica, e ligados um ao outro por uma estrutura contínua do tempo. A realidade é feita de continuidades e pequenas rupturas, do tempo sincrônico e diacrônico. Não acontecem da forma como vemos nos filmes. É justamente partindo de uma prerrogativa inerente ao homem de organizar o mundo caótico ao seu redor, que lançamos a brilhante tarefa de narrar.

Verificando o documentário do *History Channel* nota-se que tanto a narrativa verbal e a mimética estão presentes. A presença da interlocução periódica de especialistas no decorrer do documentário, tem por intenção conferir maior credibilidade ao documentário. As narrativas são discursos formados sobre uma determinada realidade sendo, portanto, representações.

No caso do documentário *History Channel* são acontecimentos e fatos ao longo da história humana que são representados. Pode-se afirmar que esse canal televisivo reconstrói o passado humano sob à luz de uma interpretação. O que assistimos são construções e interpretações de uma realidade, baseadas em uma narrativa formada por sons, imagens e o texto. Pode considerar que são múltiplas as representações presentes em um documentário. E sobre as narrativas presentes, o escritor Luís Gonzaga Motta explica que há duas diferenças de narrativas, as fáticas que são as narrações comuns em novelas, documentários, filmes entre outros, e as híbridas que são os programas de auditório e alguns comerciais com forte apelo ao consumidor.

Ainda sobre a narrativa presente nos filmes e nos documentários faz necessário também, compreendê-lo em seu universo da escrita. Em virtude das estruturas semelhantes presentes tanto na imagem móvel do cinema como no texto literário. Segundo Salvatore D'Onófrío a narrativa é: "todo o discurso que nos apresenta uma história imaginária constituída por uma pluralidade de personagens, cujo, os episódios de vida se entrelaçam no tempo e no espaço determinado". (D'ONÓFRIO, 1999, p. 53).

Apesar da variedade das narrativas é possível estudar os elementos que a constituem. Dentro da linha da narrativa literária, encontra-se o romance, o conto, a novela, o poema épico, alegórico, e outras formas de literatura. A narrativa pode ser sustentada pela linguagem oral, escrita, por imagem fixa ou móvel e por gestos. D'Onófrío distingue duas correntes narrativas, nas quais, separa para fins didáticos, que é o plano do discurso ou da narração, e o plano da fábula ou da diegese, considerado também como plano do enunciado.

Assim sendo, ao analisar a narrativa de uma obra ficcional, um dos problemas apresentados é a de perceber quem narra a história. Posto que, toda a história literária tem um autor. Conquanto, saibamos que a obra literária é fruto da mente do autor, é importante notar que no campo da narrativa, o narrador, nunca é o autor, e sim um fruto de sua criação. Mesmo que o autor construa uma personagem contendo todos os traços de sua vida, ainda sim, será uma obra de ficção.

Dessa maneira, as ideias e o sentimento contidos na alma do narrador, não necessariamente são as mesmas do autor. O 'eu' do autor não é o mesmo 'eu' do narrador. "Quem fala na narrativa não é quem fala na vida" (D'ONÓFRIO, 1999, p. 53). E mais; "O autor pensa o mundo da realidade histórica, e o narrador do universo imaginário. (D'ONÓFRIO, 1999, p. 55). A literalidade acontece



quando se forma o tripé: Autor + texto + leitor. Este processo está dividido em dois planos, a saber: o plano da realidade física, em que estão o autor e o leitor. E ao plano da fantasia, no qual, encontra-se o narrador, mensagem e o receptor.

É pela narrativa que colocamos as coisas em relação as outras. Que conseguimos refletir a objetividade e a subjetividade do mundo. É pela narrativa que o homem oferece sentido aos acontecimentos, colocando-os em uma sequência lógica. Desde os primórdios da história humana, o homem utilizou-se dos métodos de narrar para descrever o mundo a sua volta e passar uma mensagem. A narrativa é um dos impulsos primordiais da espécie humana. É também pela narrativa que o ser humano se localiza no tempo e o divide em passado, presente e futuro. A narrativa é, portanto, uma forma de mimeses, mas também, gera representações por ordenar e sequenciar atos e acontecimentos. Ou seja, ela induz certas interpretações por parte do destinatário.

Esse processo também se estende ao cinema. No início o papel do cinema não era de contar histórias, servia somente como meio de investigação científica, de entretenimento e um objeto de atração em parques de diversões. Entretanto, no decorrer do tempo o cinema passa a narrar histórias. E foi pela capacidade de narrar que o cinema obteve seu sucesso. Dessa maneira, o documentário surge com o propósito de sugerir novos caminhos.

No entanto, mesmo no citado documentário o 'real' e a ficção encontram-se combinados. A narrativa é um problema teórico nessa diferenciação entre o 'filme' e o documentário. Para Aumont, o teor ficcional é um componente comum a ambos. E tanto o documentário quanto o filme se valem de elementos estéticos que transformam o objeto bruto ao nível da contemplação. (AUMONT,1993) A narrativa é uma forma de organizar fatos e prepará-los ao ponto de ser compreendido pelo leitor ou expectador.<sup>8</sup>

## Considerações finais

O longo debate acadêmico que procurar oferecer fronteiras conceituais entre o documentário e outros gêneros fílmicos parecem não serem muitos consistentes. Embora muitos autores dispõem de longas páginas para explicitar tais diferenças, elas parecem se esvaír por si próprias. As características que consideramos serem próprias do documentário, como narração, entrevistas por exemplo, também podem ser encontradas em outros gêneros fílmicos. Também temos a questão do real e do fictício. Esses componentes não são propriedade exclusiva a nenhum dos gêneros. Todo este debate perece na simples opinião do público. Mesmo não sendo portadores das diretrizes acadêmicas, resta-lhes a tarefa de distinguir um gênero de outro.

Consequentemente, um elemento inseparável tanto ao documentário quanto ao filme é a tarefa de narrar. O ato de narrar é inerente ao processo de contar histórias por meio de imagens. É um processo automático. Não existe outra forma de alcançar o coração do leitor e/ou expectador. Desse modo, isso se aproxima da arte literária. A relação entre literatura e imaginário é ambivalente. Ela nasce de vários imaginários e promove a imaginação do leitor. Assim como a imagem em movimento.

Dentre tantos objetivos trabalhados pela ficção podemos destacar a fruição. Essa fruição pode decorrer da leitura de alguma obra literária, de uma pintura ou de um filme. Embora o documentário contenha todos os elementos visuais e/ou narrativos de um filme, ele desperta no expectador algo muito mais do que a simples fruição.

A leitura de imagens implica compreensão, entendimento e significado. Não obstante, nossa realidade cotidiana seja povoada de toda sorte de imagens, não parece fácil compreendê-las em outras dimensões. É importante entender que um documentário não é apenas uma série de imagens em movimento, e interpretá-los exige paciência e compreensão.

A leitura de imagens não segue os mesmos parâmetros da leitura de um texto escrito. O mundo visual exige uma inteligência plástica, pelo qual é preciso observar a fotografia, os personagens, a narração e /ou narrativas. O cinema-documentário possui uma linguagem própria, e suas representações constroem novas representações. E, em maior ou menor grau o imaginário é afetado.

---

<sup>8</sup> A narrativa literária contribuiu muito para o desenvolvimento da narrativa cinematográfica.

A imagem traz informações visuais ao mundo. De todos os sentidos humanos a visão é o mais intelectual. A imagem torna as coisas mais fáceis de acreditar.<sup>9</sup> Para Aumont a imagem não só cria uma ilusão, como ela mesma é derivada de uma ilusão da realidade. (AUMONT, 1993) Assim, o documentário e a narrativa literária não passam ilesos a esses problemas.

## Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução de Estela do Santos Abreu e Cláudio Cesar Santoro. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BITTENCOURT, Circe. **Cinema, vídeo e ensino de história**. São Paulo: Mimeog. s/d.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- D'ONÓFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 1**. São Paulo: Ática, 1999.
- DIAS, Rodrigo Francisco. Em busca da definição: Mas afinal...O que é mesmo documentário? De Fernão Pessoa. **Revista de História e Estudos Culturais**. Abr.-jun. 2009. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha\\_1\\_Rodrigo\\_Francisco\\_Dias.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf)>. Acesso em 15 jun. 2017.
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- LEWIS. C. S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: UNESP, 2009.
- MATOS, Michele. Guerra, Márcio. **Um novo olhar entre a realidade e a ficção "O documentário "Vinicius de Moraes" como construção criativa**. Encontro Nacional de História da Mídia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/um-novo-olhar-entre-a-realidade-e-a-ficcao-o-documentario-vinicius-de-moraes-como-construcao-criativa>>. Acesso em 14 jun. 2017.
- MELO, Cristina Teixeira Viera. **O documentário como gênero audiovisual**. Disponível em: <[http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha\\_1\\_Rodrigo\\_Francisco\\_Dias.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf)>. Acesso em 25 abr. 2017.
- RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008, p. 22-27.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.
- RUBIN, Sandra Regina Franchi; OLIVEIRA, Terezinha. **A imagem como fonte e objeto de pesquisa em História da Educação**. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/037.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/037.pdf)>. Acesso em 15 maio 2017.
- SALES, Eric de. **História e documentários: Reflexões para uso em sala de aula**. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/9866>>. Acesso em 01 de junho de 2017.
- TEIXEIRA, Ivan. **Literatura como Imaginário: introdução ao conceito de poética cultural**. Revista Brasileira, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, Fase VII, ano X, n. 37, out. nov. dez. 2003,

<sup>9</sup> O poder persuasivo do cinema é presente não apenas na imagem em si, mas também, na trilha sonora, nas cores e nas tomadas de câmera. Para Albert Laffay o cinema possui meios de simbolização muito bem elaborados.

p. 43-67.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. 4. Ed. Brasília: UNB,1982.

WHITE, Hayden. **O Valor da Narratividade na Representação da Realidade**. In: Cadernos da UFF, Niterói, 3, 1991. [Tradução e Apresentação de José Luís Jobim].

Recebido em 19 de abril de 2019.  
Aceito em 23 de agosto de 2019.